

O FRAGMENTO 2W DE ARQUÍLOCO

Paula da Cunha Corrêa
Universidade de São Paulo

RESUMO: A interpretação tradicional do Fr. 2w de Arquíloco começou a ser questionada após T. Hudson-Williams ter discutido a construção "incomum" da última oração, e uma questão de estilo ter sido levantada por C. M. Bowra. Qual seria o significado de ἐν δορί? O seu emprego seria idêntico nas suas três ocorrências, ou não? Examinando tais problemas e as soluções propostas, sugerimos uma nova possibilidade de leitura.

Breve como o outro fragmento, e até certo ponto formalmente semelhante, este dístico nos traz uma cena cotidiana de um "servo do senhor Eniálio". Mas não é cena de batalha, uma visão dos hoplitas enfileirados em formação ou combatendo, como é freqüente em Calino ou Tirteu. O soldado está de vigília, e sua ação nada tem de heróica, muito pelo contrário:

*ἐν δορί μὲν μοι μᾶζα μεμαγμένη, ἐν δορί δ' οἶνος
Ἴσμαρικός, πίνω δ' ἐν δορί κεκλιμένος.*

*Na lança, meu pão sovado, na lança, o vinho
Ismárico, e bebo na lança apoiado.*

A primeira versão deste fragmento de que se tem notícia é de 1612, de Dionísio Petávio, editor e tradutor das cartas de Sinéδιο (Synesius, *Ep.* 129b Migne, apud. Arnould, 1980, p. 288):

*Maza mihi hastato praebetur, Bacchus in hasta
Ismaricus; dum me sustinet hasta, bibo.*

I. Liebel em sua edição de 1812 dos fragmentos de Arquíloco citou, além desta tradução de Dionísio, o escólio de Hífbrias que data do V ou IV século a. C. onde lança, espada e escudo são valorizados como os maiores bens do homem, e que tudo para ele conquistam (909PMG):

*Minha grande riqueza são a lança, a espada
e o belo escudo, defesa da pele.
Com eles aro, com eles colho,
com eles piso o doce vinho das uvas,
Com eles senhor de servos sou chamado.
E os que não ousam levar a lança, a espada
e o belo escudo, defesa da pele,
Todos prostados aos meus joelhos
beijam seu senhor,
E de grande rei me chamam.*

Partindo da tradução de Dionísio e do poema da Hífbrias, esta tem sido a leitura tradicional, ou talvez mais habitual do fragmento, aceita pela grande maioria: é *com* ou *pela lança* que o eu obtém o seu pão e vinho. O seu sustento está *na lança* e ela serve-lhe também como objeto no qual apoia-se para beber. A lança é útil em todos momentos da vida do soldado, dentro e fora do combate cerrado. Com ligeiras variações, pautam-se nesta leitura as traduções das principais edições bilíngües de Arquíloco: J. M. Edmonds (1931), e entre nós, V. de Falco e A. F. Coimbra (1941).

Mas em 1900, U. Bahntje em *Questiones Archilochae* já afirmava que em suas três repetições a preposição ἐν teria um valor estritamente locativo e portanto, na sua leitura, ἐν δορί tem sempre a mesma função: assim como o sujeito bebe apoiado na lança, o pão e vinho estariam literalmente *na lança* (apud. Arnould, 1980, p. 285)¹. Isto é, presos à lança, dependurados em um farnel. O vaso dos guerreiros micênicos ilustra tal prática: os soldados costumavam levar na extremidade da lança um pequeno farnel de mantimentos em que carregavam sua rações (Cf. Vernant, 1968, Pl. 3).

Hudson-Williams, em 1926, apontou para o fato de que na *Ilíada* o participio κεκλιμένος constroi-se apenas como dativo, sem a preposição ἐν, e que portanto, a seu ver, a preposição ἐν na última oração serveria apenas para tornar a repetição mais enfática (Hudson Williams, 1926, p. 83).

O que para Hudson-Williams parecia ser não mais que uma construção não habitual, despertou a atenção de Van Groningen em 1930 (apud. Arnould, 1980, p. 285), de Bowra (1954, p. 38) e de outros como não-gramatical. Segundo estes, no grego arcaico κεκλιμένος empregava-se simplesmente com o dativo (sem preposição) ou com a preposição πρὸς e o acusativo para significar *apoiar-se sobre*. Portanto, as versões tradicionais inclusive a de U. Bahntje, estariam partindo de um uso impróprio do verbo κλίνομαι com a preposição ἐν. Este foi um dos motivos que suscitaram as discussões acerca da interpretação tradicional do fragmento. A presença da preposição ἐν no último cólon passou a ser enfática para uns², agramatical para outros³, simplesmente tradicional (Page, 1964, p. 133), ou diferente da leitura tradicional, mas gramaticalmente compreensível e aceitável (Arnould, 1980, p. 289-91), ou ainda supérflua, se não incompreensível (Marzullo, 1965, p. 6).

Uma segunda questão, de ordem estilística, foi levantada por C. M. Bowra. A seu ver, ἐν δορί deveria ter o mesmo significado nas três repetições, o que não ocorria na leitura tradicional: "First, there is a stylistic difficulty. When ἐν δορί appears three times in a couplet, we may expect it to have the same meaning on each appearance (...) But that is not what the usual interpretation demands." (Bowra, 1954, p. 37-8). A partir daí, surgiram as mais diversas interpretações que buscavam, na sua maioria, satisfazer estas duas condições: resolver o problema do verbo κλίνομαι com a preposição ἐν e o dativo, e manter a mesma construção para ἐν δορί nas três ocorrências.

1. Esta é também a leitura de Hauvette, 1905, p. 198-9.

2. Hudson-Williams, 1926, p. 83 e Romano, 1974, p. 43.

3. Davison, 1960, p. 1-4; Pocock, 1961, p. 180; Gerber, 1970, p. 12-13.

Já em 1954, J. A. Davison havia indicado a possibilidade de *δορί* significar *nau* (1954, p. 193). Mais tarde, acatando a sugestão de E. Diehl de que os fragmentos 2, 4, 8 e 12 pertenceriam ao mesmo poema, ele mantém que *δορί* como *nau* é a melhor solução embora admita que a primeira ocorrência de *δορί* como *nau* seja tardia, e que mesmo neste caso, *δορί* é sempre qualificado por um adjetivo (Davison, 1960, p. 3).

Quem endossa esta leitura é B. Gentili em 1965 e 1976, afirmando que a construção do verbo κλίνομαι com a preposição ἐν e o dativo introduz a idéia de "estar estendido, jazer" (II, X, 350), e que a anáfora exige que se mantenha sempre o mesmo significado para ἐν δορί. Ele também concorda que os fragmentos 2 e 4 façam parte do mesmo poema, justificando assim o emprego de *δορί* como *nau* sem a qualificação: o adjetivo que falta teria sido omitido por ser desnecessário em um contexto (Fr. 4) onde a referência ao navio já havia sido feita (Gentili, 1976, p. 18-20).

Foram dois, J. Russo (apud. Gentili, 1976, p. 21) e A. Aloni (1981, p. 49), os que aceitaram esta interpretação sem reservas. Menos populares, e mais imaginativas, foram as propostas de L. G. Pocock (1961, p. 180) e G. Giangrande (apud. Burnett, 1983, p. 38) que sugerem para ἐν δορί respectivamente *em*, ou *sobre uma árvore e no pelourinho*.

Em sua leitura do fragmento Bowra (1954, p. 40) cita exemplos de um uso locativo de ἐν com dativo que indica uma proximidade (LSJ sv. ἐν A1 4). Desse modo, a frase ἐν δορί como "at, by my spear", estendendo-se metaforicamente a "under arms, at my post", explicaria a citação do fragmento no contexto da carta de Sinésio: tanto Sinésio quanto Arquíloco teriam passado suas vidas "em armas", "a postos" (Bowra, 1954, p. 40).

Antes de descartá-la, Davison havia indicado a possibilidade de ἐν δορί ser traduzido por "equipado com a lança", onde parece atribuir ao dativo, como o faz Ehrenberg, "um sentido vago de companhia" (apud. Arnould, 1980, p. 289). Esta opção equivale na verdade ao *hastato* da tradução de Dionísio Petávio. D. Arnould admite esta última hipótese, estendendo-a porém às três ocorrências de ἐν δορί. Ela mostra como ἐν δορί pode ter um uso semelhante ao de ἐν ὄπλοις, citando exemplos, embora tardios, em que ἐν αἰχμαίς significa "armários e lanças" (Arnould, 1980, p. 289-91). Na sua versão, o soldado come, bebe, mas bebe deitado, mesmo que esteja fazendo vigília, no que, ao seu ver, consiste o humor irreverente do fragmento (Arnould, 1980, p. 293).

É possível que, ao contrário, a graça do poema surja de um jogo com a ambigüidade de sentido de ἐν δορί. No hexâmetro, o locativo é uma possibilidade gramatical, mas por razões que logo exporemos, opta-se aqui pela leitura tradicional de ἐν δορί nas duas primeiras ocorrências. Os dativos seriam instrumentais de meio empregados metaforicamente (como o ἐν ὄπλοις citado por D. Arnould): armado de lança, ou com a lança, isto é, por meio de guerra, o *eu* obtém o seu pão e vinho⁴. Muitos encontraram nestes versos e no fr. 216 uma comprovação de que Arquíloco teria sido um mercenário, sendo a lança o seu ganha pão. Nada impede nem garante que o *eu* deste fragmento seja de fato um mercenário, mas caso o

4. O dativo de meio é freqüente, especialmente na poesia, com as preposições ἐν, σὺν, ὑπό (Smyth, 1980, p. 347).

fosse, seria mais uma máscara do poeta. O problema surge quando se identifica o autor com o *eu* lírico, coisa comum entre os antigos que procuravam extrair das obras, biografias dos poetas sobre os quais pouca ou nenhuma informação tinham.

No segundo verso, *ἐν δορί* seria um locativo. Quanto à construção de *κλίνομαι* ela só é irregular quando se considera o dativo dependente da preposição, regido por ela. Mas o dativo não poderia relacionar-se aqui diretamente com o verbo, a preposição mantendo o seu valor adverbial original, como é freqüente em Homero⁵? Além disso, existe o verbo *ἐγκλίνομαι* que se constrói com o dativo para significar *inclinarse, apoiar-se em* (Tarditi, 1960, p. 60).

Ao supor que o dativo na última oração seja um locativo, cabe ainda explicar o porquê da mudança no final, pois como foi dito, Bowra insiste que nestes versos a frase *ἐν δορί* deveria manter o mesmo significado e construção nas suas três repetições⁶.

Mas as três repetições de *ἐν δορί* não são, do ponto de vista estilístico, idênticas. Segundo Demétrio (*de eloc.* 268) e Longino (*de subl.* 20, 1.2), a anáfora (ou epanáfora) consiste na repetição da mesma palavra ou palavras no *início* de orações sucessivas. Nota-se de imediato que, formalmente, a primeira repetição que ocorre no hexâmetro é anafórica, ao passo que a segunda repetição, a do hemiepes, é mesárquica: a oração inicia-se com o verbo *πίνω* e *ἐν δορί* repete-se *no meio* da oração⁷.

Em segundo lugar, uma repetição pode ser tautológica ou não. Quando na repetição das palavras há uma mudança de sentido, temos a figura chamada antanáclase (Morier, 1981, sv.). Portanto além da terceira repetição de *ἐν δορί* não ser, *strictu sensu*, anafórica, há indícios de que também não seja tautológica, pelo estilo do autor, e sobretudo pela construção do dístico.

H. Frankel observou que um traço característico do estilo de Arquíloco é o gradual afilamento do tom e do pensamento no final do poema (Frankel, 1973, p. 135). Alguns poemas encerram-se com uma espécie de chave de ouro que pode expressar uma alternativa de ação, ou sentença moralizante (Fr. 13, 128, 132, 133W). O recurso de repetir uma série de orações negativas para destacar uma afirmativa final é também freqüente (Fr. 3, 19, 22, 114, 133W). Outros reservam para o ouvinte uma surpresa no final que rompe uma ilusão mantida, como neste fragmento, (Fr.2, 5, 19W).

Uma marca distintiva do fragmento 2W é a repetição presente no nível fonético morfológico e sintático. Qual seria sua função e o efeito buscado?

No hexâmetro, há uma fortíssima aliteração de nasais (μ , ν) e assonância (α , ϵ - η). As duas frases nominais indicadas por *ἐν δορί* têm como sujeitos o pão, qualificada pelo particípio, e o vinho (ainda sem qualificação). O pão sovado, onde

5. "The construction with the Dative (...) is the one in which the Preposition retains most nearly its own 'adverbial' meaning - so much that it is often doubtful whether the Preposition can be said to 'govern' its' Case at all." (Monro, 1981, p. 194). Veja também Chantraine, 1948, p. 84; Romano, 1974, p. 42 e Rankin, 1972, p. 472.

6. Seguem-lhe neste ponto os seguintes comentadores: Davison, 1960, p. 1; Gentili, 1967, p. 18-21; Gerber, 1970, p. 12; Arnould, 1980, p. 284. Contra: Rankin, 1972, p. 471; Romano, 1974, p. 43; Rubin, 1981, p. 1-8; Campbell, 1982, p. 142; Burnett, 1983, p. 38-9.

7. Mesarquia é forma de repetição que ocorre no início de uma oração e meio da oração seguinte (Shipley, 1943, sv. repetition).

concentra-se a aliteração, é uma figura etimológica presente também em Herótodo (I. 200). Este pão era uma pasta, uma massa não cozida de cevada que era preparada na hora. Claramente depreciada e inferior ao pão (ἄρτος), a μῶζα fazia parte das rações de soldados em expedições e de escravos (Ésquilo, *Ag.* 1041, Aristófanes, *Eq.* 255).

A primeira pessoa figura sobre a forma do dativo de interesse, porém metricamente, o pronome μοι é realçado por encerrar a única contração de breves no hexâmetro. Nota-se também a coordenação das duas frases nominais pelas partículas μὲν - δέ que podem sublinhar uma oposição, ou, como neste caso, uma anáfora.

O hexâmetro apresenta uma relação intemporal, impessoal, e não modal entre seus termos. Pois como todas as frases nominais, estas não possuem as determinações que são próprias do verbo. Não situadas no tempo ou no espaço, elas tem como objeto "um termo reduzido apenas ao seu conteúdo semântico" (Benveniste, 1936, p. 171-2). A lança, em posição privilegiada, repetindo-se anaforicamente, tem ainda um emprego figurado. E a manutenção do mesmo significado para ἐν δορί justifica-se pela anáfora, a construção (μὲν - δέ) e a mesma sintaxe das orações. Quando se chega ao final do verso, ele parece conter uma idéia completa.

Ismárico, a primeira palavra do segundo verso, já aponta para uma mudança. No *enjambment*, percebe-se que a idéia (e a segunda oração) não estava completa: se o pão é sovado, o vinho não é um vinho qualquer, não-qualificado como parecia no hexâmetro. O vinho ismárico é o que Odisseu usou para embriagar o Cíclope na *Odisséia* (*Od.* 9. 196ss.) e cuja fama perpetuou-se séculos afora⁸. Alega-se que o vinho ismárico poderia ser nada mais que o vinho da casa, bebido por soldados em expedições pela costa da Trácia (Campbell, 1982, p. 143). Mesmo neste caso, o termo não perderia sua conotação de excelente vinho, razão pela qual o dístico foi citado por Ateneu (*Deipn.* 14. 627b-c).

Davison queixou-se da falta de harmonia entre a grosseira μῶζα e o vinho ismárico (Davison, 1960, p. 2), buscando a homogeneidade onde há contraste deliberado. Pois na virada do dístico, o termo *ismárico* costura os versos, mas também inicia um novo movimento. A presença deste nome geográfico cria um certo realismo (Treu, 1959, p. 190), introduzindo uma nova determinação até então ausente: o espaço.

Logo após a cesura deste segundo verso, a terceira e a última oração inicia-se com o verbo πίνω. Esperava-se mais uma repetição anafórica de ἐν δορί, mas em seu lugar está o verbo, ritmicamente enfatizado. E a construção μὲν - δέ do hexâmetro, mas uma diferença. Em oposição às frases nominais, temos uma verbal. Se o nome próprio introduziu uma referência espacial, o verbo, o único do fragmento, traz consigo todas as determinações que lhe são próprias: narração, tempo, modo e pessoa. A primeira pessoa do singular surge como sujeito e agente no sufixo verbal, em contraste com os sujeitos impessoais do hexâmetro que não eram agentes. O tempo da ação com relação ao discurso é o presente.

8. Virgílio, *Georg.* 2.37, Propércio 2.33b 32, Ovídio, *Met.* 9.642 (apud. Campbell, 1982, p. 143). O fragmento é citado duas vezes no *Suda*, s.v. Ἰσμαρικὸς: iv. 666. 6 Adler, e ii. 669. 25 Adler, onde Ismaros é identificada como a antiga Maronéia.

Mesmo assim, distraídos pela força da repetição, podemos à princípio ignorar as mudanças e supor que este último ἐν δορί seja idêntico aos anteriores para perceber que o sujeito não bebe em armas, mas apoiado na lança, somente no final. É o particípio κεκλιμένος, a última palavra, que modifica o sentido de ἐν δορί rompendo a expectativa de que a repetição seria consistente até o fim. Ao emprego figurado de ἐν δορί no primeiro verso, opõe-se agora o locativo (espacial e concreto). Cabe ainda notar que apesar das rimas (οῖνος, Ἴσμαρικός, κεκλιμένος) e assonâncias (ο, ω), uma repetição ao nível fonético neste verso é atenuada.

A diferença na repetição indica uma nova atitude. O ouvinte espera identidade de sentido onde há identidade sonora para ser surpreendido. E todo humor e ironia surgem no final.

Arquiloco não canta a vida simples e feliz do soldado (Hauvette, 1905, p. 277), nem se queixa de estar o tempo todo com a lança, lutando ou de vigília (Gerber, 1970, p. 12). A vida árdua e austera do soldado apresenta-se no primeiro verso com a gravidade e circunstância que caracterizam a frase nominal. Construção típica da poesia sentenciosa e proverbial, ela não narra nem descreve fatos particulares, mas concernente à essência e não à existência, faz uma asserção absoluta (Chantraine, 1948, p. 1; Benvenisti, 1976, p. 178). Há também uma certa nobreza e orgulho guerreiro na anáfora ἐν δορί. A lança é um emblema da coragem e valores heróicos, pois aqueles que iam à frente da falange com suas lanças, eram os que maior risco corriam.

Mas o segundo verso não mantém a pose. Há uma mudança de registro. Aqui, despida de toda metáfora e heroísmo, a lança serve para fins menos gloriosos, transformando-se em simples apoio para beber. E o que permanece vivo, presentificado, é a imagem do soldado que, apoiando-se nela, aproveita o seu bom vinho.

ABSTRACT: *The traditional rendering of Archilochus' Fr. 2W started to be questioned after T. Hudson-Williams pointed out the "uncommun" construction of the last phrase, and a question of style was brought up by C. M. Bowra. What is the meaning of ἐν δορί? Is it the same in it's three occurrences, or not? having examined such problems and the solutions offered, anew possibility is suggested.*

BIBLIOGRAFIA

- ADLER, A.** (ed.) *Suidae Lexicon*, in *Lexicographi Graeci*. Stuttgart: Teubner, 1971.
- ADRADOS, F. R.** *Líricos Griegos: elegíacos y yambógrafos arcaicos*, I. Barcelona: Alma Mater, 1956-59.
- ALONI, A.** *Le Muse di Archiloco*. Copenhagen: Museum Tusulanum Press, 1981.
- ARNOULD, D.** Archiloque et le vin d'Ismaros. *Revue de Philologie*, LIV (1980), p. 284-94.
- BENVENISTE, E.** *Problemas de Lingüística Geral*. Tradução por M. da Glória Novac e L. Neri. São Paulo: CEN-EDUSP, 1976.

- BOWRA, C. M.** A Couplet of Archilochus. *Añales de Filología Clásica*, 6, 1954, p. 37-43.
- BURNETT, A. P.** *Three Archaic Poets, Archilochus, Alcaeus, Sappho*. Cambridge: Harvard University Press, 1983.
- CAMPBELL, D. A.** *greek Lyric Poetry: A Selection of Early Greek Lyric, Elegiac and Iambic Poetry*. Bristol: Bristol Classical Press, 1982.
- CHANTRAINE, P.** *Grammaire Homérique*. Paris: Klincksieck, 1948.
- DAVISON, J. A.** Archilochus Fr. 2 Diehl. *Classical Review*, 10, 1960, p. 1-4.
 _____ . Resenha de *Anthologia Lyrica Graeca*. E. Diehl. *Journal of Hellenic Studies*, 74, 1954, p. 193.
- DE FALCO, V., COIMBRA, A. F.** *Os Elegíacos Gregos, de Calino a Crates*. São Paulo: Brusco & Cia., 1941.
- EDMONDS, J. M.** *Greek Elegy and Iambus*. London: W. Heinemann, 1931.
- FRANKEL, H.** *Early Greek Poetry and Philosophy*. Tradução por M. Hadas e J. Willis. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1973.
- GENTILI, B.** Nota ad Archiloco, P. Col. 7511; Fr. 2Tard. 2West. *Quaderni Urbinati di Cultura Classica*, 21, 1976, p. 17-21.
- GERBER, D.** *Euterpe: An Anthology of Early Greek Lyric, Elegiac and Iambic Poetry*. Amsterdam: 1970.
- HAUVETTE, A.** *Archiloque, sa vie et ses poésies*. Paris: Albert Fontemoing, 1905.
- HUDSON-WILLIAMS, T.** *Early Greek Elegy*. Cardiff: University of Wales, 1926.
- LASSERRE, F., BONNARD, A.** *Archiloque: Fragments*. Paris: Les Belles Lettres, 1968.
- LIEBEL, I.** *Archilochi Reliquiae*. Leipzig: I. C. Sommer, 1812.
- MARZULLO, B.** *Frammenti della Lirica Greca*. Firenze: Sansoni, 1965.
- MONRO, D. B.** *A Grammar of Homeric Dialect*. Oxford: Clarendon Press, 1891.
- MORIER, H.** (ed.) *Dictionnaire de Poétique et Rhétorique*. Paris: PUF, 1981.
- PAGE, D. L.** Archilochus and the Oral Tradition. in *Archiloque. Entretiens sur l'antiquité classique X*. Genève: F. Hardt, 1964.
- POCOCK, L. G.** Archilochus, Fr. 2. *Classical Review*, 11, 1961, p. 179-80.
- RANKIN, H. D.** Archilochus Fr. 2D, Fr. 7L-B. *Emerita*, 40.2, 1972, p. 469-74.
- ROMANO, J. V.** *The Literary Art of Archilochus*. Diss. Univ. Mich.: 1974.
- RUBIN, N. F.** Radical Semantic Shifts in Archilochus. *Classical Journal*, 77, 1981, p. 1-8.
- SHIPLEY, J. T.** (ed.) *Dictionary of World Literature*. New York: F. Hubner & Co., 1943.
- SMYTH, H. W.** *Greek Grammar*. Cambridge: Harvard University Press, 1980.
- TARDITI, G.** *Archiloco*. Roma: Edizioni dell'Ateneo, 1968.
- TREU, M.** *Archilochos*. München: Heimeran Verlag, 1959.
- VERNANT, J. P.** (org.) *Problèmes de la Guerre en Grèce Ancienne*. Paris: Mouton & Cie., 1968.
- WEST, M. L.** *Iambi et Elegi Graeci ante Alexandrum Cantati*, I. Oxford: Oxford University Press, 1989 (2ed).